

JORNALISMO E MÍDIA LGBTQ+ NA AMÉRICA LATINA: das ditaduras militares à democracia de mercado¹

Otávio Daros²
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Ciente de que uma história global da mídia LGBTQ+ ainda está por ser escrita, este artigo busca lançar luz sobre uma de suas geografias: a América Latina. Ao destacar e cotejar a experiência brasileira com a de outros países, verifica-se que a particularidade regional primeira desse segmento composto por periódicos gays e lésbicos — a chamada imprensa homossexual — reside no fato de que suas origens remontam a um contexto de ascensão de regimes militares, sucedido mais tarde por processos de redemocratização. Em diálogo com a trajetória observada nos Estados Unidos e na Europa, argumenta-se aqui que os veículos ligados à comunidade LGBTQ+ latino-americana podem ser compreendidos a partir de pelo menos três eixos: recreação, ativismo e erotismo, acrescidos de um quarto estágio, marcado pela convergência dessas tendências no ambiente digital. Por fim, discutem-se as limitações e as potencialidades desse ecossistema midiático para o desenvolvimento do que alguns têm denominado jornalismo de gênero ou identitário.

Palavras-chave

Imprensa homossexual; História da mídia; Comunidade LGBTQ+; Jornalismo de gênero.

¹ Versão revisada e ampliada de pesquisa originalmente publicada em língua inglesa no periódico *Journalism History* (Daros, 2026b).

² Professor Assistente do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen, e Pesquisador de Pós-Doutorado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: otavio.daros@ufsm.br. Orcid: 0000-0003-0738-8207.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença *Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional* (CC BY 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos, desde que a obra original seja devidamente citada.

Introdução

Existem diferentes maneiras de abordar a dimensão regional de um fenômeno como a mídia LGBTQ+. De um lado, pode-se enquadrar sua trajetória de desenvolvimento nos marcos da literatura ocidental mais conhecida; de outro, buscar os aspectos nativos, priorizando sua autonomia e originalidade em relação às referências hegemônicas. A proposta deste relato é equilibrar essas lentes analíticas ao tratar do caso da América Latina — tomando o Brasil como norte, em razão de sua participação proporcionalmente maior no setor de comunicação latino-americano —, sem deixar de identificar as tendências comuns entre os diferentes países que compõem a região e seus intercâmbios com as geografias historicamente influentes.

Nesse sentido, cabe reconhecer que a historiografia especializada costuma situar a publicação da revista *Der Eigene*, na Alemanha do final do século 19, como ponto de partida da imprensa periódica homossexual. Editada de 1896 a 1932, por iniciativa do escritor Adolf Brand, nome com pioneirismo no ativismo ligado à homossexualidade, que, para fins de amparo de seu empreendimento editorial, também organizaria em Berlim a associação literária homossexual *Die Gemeinschaft der Eigenen* (Comunidade dos Seus), em 1903. Assim como seu círculo de leitores e colaboradores, sua autodenominada “revista para a cultura masculina” foi desmantelada com a chegada dos nazistas ao poder (ver Oosterhuis; Kennedy, 1991).

Não se pode menosprezar que *uranista* e *homossexual* são termos oriundos daquele contexto, cujo crédito inventivo é atribuído ao sexólogo alemão Karl Heinrich Ulrichs e ao jornalista austro-húngaro Károly Mária Kertbeny, engajados em campanhas contra leis de antissodomia na Prússia e outras partes da região (Beachy, 2010). Antes da ascensão de Adolf Hitler, Berlim havia se tornado internacionalmente uma cidade de referência para a comunidade *queer*, tanto pela vida noturna com seus bares, quanto por outras atividades. Entre elas, instituições como o *Wissenschaftlich-humanitäres Komitee* (Comité Científico-Humanitário), nascido pelas mãos do alemão-judeu Magnus Hirschfeld em 1897, que, entre 1899 e 1923, também editou o periódico acadêmico *Jahrbuch für sexuelle Zwischenstufen* (*Anuário para Tipos Sexuais Intermediários*).

Quanto à imprensa popular, apareceram na capital alemã outros títulos, não só para homens gays, mas também para mulheres lésbicas, a exemplo da *Die Freundin*

(1924-1933), para não falar de outros temas, como o travestimento, cuja representante foi *Das 3. Geschlecht* (1930-1932). É nesse período que começa a se esboçar não só na Alemanha, mas em outros lugares da Europa uma pequena imprensa homossexual, autodenominada “de amizade”. Na França, registram-se revistas como *Akadosmos* (1909) e *Inversions* (1924); na Inglaterra, a *The Quorum* (1920); na República Tcheca, outras como *Hlas* (1931-1932) e congêneres; nos Países Baixos, a *Levensrecht* (1940-1947) e a *Vriendschap* (1949-1964), vinculada à organização Cultuur-en Ontspanningscentrum (Centro Cultural e Recreativo).

Essas revistas eram em geral classificadas como de arte e cultura e, as que venceram a efemeridade, transitaram por diferentes projetos editoriais ao longo da sua tumultuada existência. Por exemplo, na Suíça, a publicação lesbiana *Freundschafts-Banner* (1932), que teve entre suas editoras a jornalista e ativista Anna Vock, foi renomeada para *Menschenrecht* (1937), até ser convertida em *Der Kreis* (1942-1967), alcançando repercussão internacional por sua editoração multilíngue (Kennedy, 2006, p. 227). Embora oriunda do continente europeu, a imprensa homossexual não se restringiu ao espaço geográfico ocidental, bastando mencionar o caso da *Adonis* (アドニス, 1952-1962), ligada ao círculo de Yukio Mishima, um dos maiores nomes da literatura japonesa (Pearce, 2006, p. 227).

Um marco da fase literária da imprensa europeia do gênero foi a francesa *Arcadie*, editada entre 1954 e 1982, tendo reunido escritores como André du Dognon, Jacques de Ricaumont e Roger Peyrefitte e chegando a alcançar números bem expressivos de assinantes. O empreendimento de André Baudry, assim como outras publicações supracitadas, almejava promover o que se convencionou chamar de *homofilia*, o amor entre dois homens, mais no sentido emocional, do que sexual, como trazido pela noção de homossexualidade (Jackson, 2006; Jablonski, 2001).

Movendo-se da zona de influência da literatura para a do ativismo, outros marcos da história da mídia LGBTQ+ foram as revistas *The Ladder* (1956-1972) e *One* (1953-1967) nos Estados Unidos. A primeira foi fundada como órgão de comunicação da Daughters of Bilitis e a segunda da One Inc., duas organizações pioneiras em termos de direitos civis e políticos, respectivamente, da comunidade lésbica e gay estadunidense. Editadas em Los Angeles, ambas são consideradas os primeiros periódicos de circulação nacional dos respectivos segmentos, com distribuição em bancas de jornal e por assinatura, tendo esta última saído inclusive vitoriosa de causa

contra o Departamento de Correios dos Estados Unidos que inicialmente a enquadrrou como produto obsceno (ver Baim, 2012).

Levando em conta o arranjo internacional e as tendências que dele emanam, este artigo propõe-se a delinear um histórico da mídia LGBTQ+ na América Latina. Por meio da revisão da literatura especializada, combinada à pesquisa documental multimídia, busca-se evidenciar as origens e discutir, em linhas gerais, a trajetória de desenvolvimento da imprensa e de outros veículos de comunicação destinados aos públicos lésbico, gay, bissexual, transgênero e *queer*, contemporaneamente reunidos sob a sigla LGBTQ+, e em atividade nos principais centros da região.

A pretensão de lidar com diferentes contextos geográficos foi condicionada pelo obstáculo que uma pesquisa do tipo encontra para acessar fontes primárias impressas. Somada à busca em repositórios digitais onde se encontram disponibilizados alguns periódicos, o principal da pesquisa foi feito em visitas ao Arquivo Edgard Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas, em janeiro de 2025. O referido centro de pesquisa e documentação social brasileiro reúne coleções de importantes grupos da história da comunidade e do movimento homossexual no país, como Turma OK, Grupo Somos e Grupo Ação Lésbica Feminista.

Ainda que a imprensa homossexual não possa ser considerada alternativa em sua totalidade, uma vez que dela também fazem parte veículos comerciais, trata-se de um setor originalmente composto, em grande medida, por periódicos de duração efêmera, circulação restrita e produção artesanal. Daí decorre, na maioria dos casos, a impossibilidade de reconstituir séries completas de números, cabendo à pesquisa trabalhar com os fragmentos que sobreviveram ao tempo. Nesse sentido, a investigação assumiu um caráter exploratório, mais interessada em identificar as principais tendências jornalísticas observáveis no conjunto das publicações catalogadas do que em reconstituir a trajetória de algum título específico.

Posto que a maioria dos fragmentos consultados se refere a periódicos editados no Brasil, é verdade que esse aspecto limitou a análise documental, privilegiando jornais e revistas brasileiros como exemplos. Inclusive pode-se questionar se esta pode ser considerada propriamente uma investigação sobre a América Latina ou, antes, sobre o Brasil, informada por algumas comparações com outros países latino-americanos. Todavia, deve-se ponderar que tal ênfase não deixa de ser representativa da dimensão do universo aqui investigado. Conforme mostrado

por pesquisas recentes, entre as décadas de 1960 e 2010, tem-se informação de pelo menos 175 publicações homossexuais publicadas pela América Latina, sendo praticamente 2/3 delas oriundas do Brasil (ver Silva Júnior, 2023, p. 52-58).

Mesmo assim, com o cuidado de evitar assimetrias indevidas, ao se trabalhar no contexto de desenvolvimento da mídia digital, buscou-se tirar proveito da abundância de material disponível on-line e informar a parte mais contemporânea do presente relato histórico com uma diversidade maior de iniciativas, incluindo países que não foram ou foram menos contemplados nas seções sobre periódicos impressos. De modo que, ao fim, acredita-se que a presente síntese dá conta de forma satisfatória de um panorama possível da mídia LGBTQ+ na América Latina.

Aspecto singular desse quadro que se apresenta é que, em países sul-americanos como Argentina e Brasil, o aparecimento do fenômeno se dá em meio a um contexto marcado por golpes de Estado e regimes militares. Inicialmente de natureza recreativa e festiva, tal segmento, ao tomar forma, veio a se politizar e se inscrever no terreno da imprensa alternativa ligada aos movimentos de contracultura e de esquerda. Com o enfraquecimento das ditaduras e processo de abertura democrática, verifica-se, todavia, transformação nesse setor, com uma mídia identitária que passa a operar dentro da dinâmica da cultura de mercado.

Cada uma das seções a seguir aborda um desses estágios, a despeito de o processo constitutivo não ser linear e comportar contradições, entre avanços e reveses. Ao fim, discute-se o cenário mais atual da mídia LGBTQ+ latino-americana, marcado pelo encerramento de revistas impressas e pelo florescimento de iniciativas digitais. Argumenta-se que esse novo ecossistema que surge é de perfil diverso³, embora aglutine e dê nova roupagem a série de tendências vistas nas fases anteriores, transitando editorialmente entre o jornalismo e o entretenimento, e ideologicamente indo do ativismo ao fetichismo.

Sociabilidade homoafetiva e publicações recreativas

Enquanto não só nos Estados Unidos, a década de 1960 foi marcada pelo levante de movimentos homossexuais por direitos civis, na América Latina este é

³ O que não é uma característica exclusiva do segmento LGBTQ+, mas geral do processo de desenvolvimento do jornalismo multiplataforma (ver Barbosa; Daros, 2026; Daros, 2026a).

ainda um período de aparecimento dos primeiros grupos homófilos, não para fins de militância política, mas de agremiação e socialização. Cidades como o Rio de Janeiro começavam a se destacar regional e internacionalmente, até por sua relação histórica com o carnaval — onde a comunidade homossexual veio a encontrar espaço de inserção e protagonismo, em desfiles de rua e escolas de samba, aos bailes e concursos de fantasia.

Mesmo no Brasil pós-colonial, onde a homossexualidade em si nunca foi enquadrada como crime no código penal nacional, o flagrante de contatos sexuais em espaços públicos não estava livre de riscos, podendo levar a prisão por “atentado ao pudor”. Encontros aleatórios e anônimos apresentavam-se como uma alternativa, já que inexistiam lugares para pessoas do mesmo sexo terem momentos de intimidade e prazer juntas. Ainda que não atendessem a uma clientela exclusivamente homossexual, cafés, bares, discotecas e outras opções de entretenimento, que se diversificaram a partir da segunda metade do século 20, funcionaram como um meio-termo “entre o privado (a casa) e o público (a rua), protegendo seus frequentadores de uma sociedade agressiva e hostil” (Green, 2000, p. 33-261).

Criou-se no Rio de Janeiro, em 1961, aquele que é considerado o primeiro grupo da comunidade gay que se conhece, concretamente no Brasil. Batizado de Turma OK, o coletivo realizava encontros informais nos apartamentos de seus integrantes para bater papo, ouvir música e atividades afins, justamente devido à falta de opção de locais públicos e estabelecimentos comerciais para socializarem. Ano após ano, a rede social foi ampliada, agregando outros círculos homossexuais, mas sem perder sua configuração familiar. Entre os agregados, menção não pode faltar a Agildo Bezerra Guimarães, não só por ter se tornado uma liderança interna (ver Soliva, 2019), mas também por seu papel no que hoje se compreende como “protoimprensa” gay latino-americana (Silva Júnior, 2023, p. 100-107).

Fato é que esse segmento editorial surge como extensão das atividades desses grupos sociais, embora seja difícil precisar seu início em razão da natureza privada desses e por serem de circularidade interna. Sabe-se da existência de publicações precursoras como *O Taradinho* e *Glamour*. Isso no caso do Brasil do início da década de 1960 e que juntas com outras vieram até formar uma Associação Brasileira de Imprensa Gay, ainda que de vida breve. É provável, no entanto, que publicações do tipo tenham existido em outras partes da América Latina, onde um

periodismo de bandeira homossexual começa a emergir propriamente com os movimentos políticos das décadas de 1970 e 1980.

De perfil recreativo e feitura artesanal, o primeiro periódico a obter uma certa repercussão e que se tem exemplares documentados é *O Snob*, editado no Rio de Janeiro, entre 1963 e 1969. O período coincide com o golpe de 1964 e os primeiros anos do regime militar brasileiro. Mas nada disso impediu Agildo Guimarães e seus colegas de confeccionarem essa pequena publicação, mimeografada em folha A4, inicialmente de 30 exemplares, e que apresentava desenhos a traço e privilegiava o colonismo social. Em seu editorial de estreia, é explicitado que a pretensão não era fazer frente à grande imprensa comercial, tampouco de ser um veículo revolucionário de crítica política:

Até que enfim eis lançado o primeiro número do nosso jornal. Jornal da nossa turma. Para fazermos comentários das festas, contar as fofocas, os disse me disse. Não tem pretensão a ter muitas tiragens, e nem fazer concorrências a *O Globo* ou a *Ultima Hora*, e como não somos nem da direita e nem da esquerda, o melhor mesmo é ficarmos pelo centro. Ele vai ter milhões de defeitos e de erros. Desculpe qualquer coisa. E quem quiser escrever, pode mandar entregar na redação do jornal ou nas sedes de nossos clubes (*O Snob*, 1963, p. 1).

Fora do Rio de Janeiro, Salvador foi outra cidade que se sobressaiu nos primórdios da imprensa homossexual latino-americana. Por lá, aparecia em 1963 *Fatos e Fofocas*, feita em exemplar único e que assim passava de mão em mão para ser lida. Em termos de linguagem e temática, as publicações de ambos os espaços urbanos, o baiano e o fluminense, refletiam o universo homossexual da época. Chama a atenção o emprego de pseudônimos femininos por seus editores: Agildo Guimarães como Gilka Dantas Mina, Bianca Marie de Martinelli era Anuar Farah no Rio de Janeiro, enquanto em Salvador o jornalista Waldeilton Di Paula assinava como Paulette Godiva (Howes, 2015, 182).

Além do mais, em vez da figura contemporânea do homossexual ativista, predominavam outras construções hierárquicas de identidade e gênero naqueles tempos: “entendido”, “bicha”, “bofe”, “boneca” etc. (ver Costa, 2010). Sem falar que o termo homofilia era mais popular e considerado “mais apropriado” do que homossexualidade, como fica evidente em publicações como *Eros*, editada pelo jornalista Frederico Jorge Dantas na década de 1970 (*Eros*, 1970, p. 7).

A essa altura, *O Snob* já havia encerrado as atividades após quase 100

edições, durante as quais conseguiu se sofisticar nos moldes de um boletim social. Sua descontinuação ocorreu em 1969, não por acaso, em um momento em que o Brasil vivia o período mais duro da ditadura militar. Embora o regime autoritário instalado no Brasil tenha sido caracterizado por uma repressão menos violenta do que na Argentina e no Chile, não faltaram ataques à sociedade civil e às liberdades democráticas, com casos de censura aos meios de comunicação e episódios de perseguição e tortura de jornalistas, ativistas e outras vozes dissidentes.

Apesar da maior vulnerabilidade enfrentada pelas minorias sociais, étnicas e de gênero, com o enfraquecimento da repressão, novas publicações gays retornaram à cena. Dos mesmos colaboradores da primeira empreitada editorial no Rio de Janeiro, *Gente Gay* (1976-1978) conservaria elementos como o humor *camp*, ao mesmo tempo que exibiu melhoramento gráfico e editorial, como visto nas suas duas edições que tiveram tiragem de mil exemplares cada. Quanto ao modo de produção, o mimeógrafo cedeu lugar à fotocópia e, com relação ao conteúdo, houve abertura para o noticiário internacional — em especial sobre o movimento gay estadunidense (Green, 2000, p. 421-423).

A estas publicações juntaram-se outras com um perfil mais ou menos semelhante: *Le Sophistique* (1966), *Os Felinos* (1967-1968), *Darling* (1968), *Gay Society* (1968), *Le Femme* (1968-1969), *Little Darling* (1970), *Entender* (1977), *Mundo Gay* (1977),⁴ sendo essas duas últimas lançadas em São Paulo, já no contexto de abertura política que ocorria no país, que, por sua vez, recuperou o status democrático em 1985. Em que pese a eventual politização de um ou outro título dessa primeira imprensa homossexual, a prioridade foi mesmo a matéria de teor artístico e cultural, para fins de lazer e entretenimento: das crônicas e contos às fofocas e entrevistas com personalidades de festas e concursos.

Direitos civis e imprensa ativista

Enquanto o ano de 1969 entrou para a história do movimento LGBTQ+ nos Estados Unidos pelo acontecimento da Rebelião de Stonewall, em resposta a ações policiais arbitrárias, transformando a luta de direitos da comunidade, a realidade na

⁴ Um quadro bastante completo dos periódicos homossexuais, editados entre 1963 e 1988 no Brasil, foi elaborado por Cordão (2017).

maior parte do continente era outra. E o próprio governo estadunidense teve participação nisso, haja vista as consequências da sua influência externa (McSherry, 2015). Saído de uma frágil democracia, o Brasil experienciou o período mais tenso da ditadura instalada pelos militares em 1964, ao mesmo tempo que golpes de Estado e regimes do tipo se multiplicavam pela região: Bolívia (1964-1982), Argentina (1966-1973/1976-1983), Chile (1973-1990) e Uruguai (1973-1985).

A despeito do elemento militar comum, os regimes desenvolveram-se com particularidades significativas. Os mecanismos de repressão variaram em número e grau, com efeitos que não foram os mesmos para as minorias e a sociedade em geral de cada contexto. Apesar de faltarem evidências documentais para as estimativas dos ativistas de que centenas de homossexuais foram mortos durante a ditadura argentina, não se deve subestimar o fato de que houve um aumento no controle policial sobre a sexualidade, sem mencionar outras formas de violência e hostilidade (Encarnación, 2016, p. 86-96; Ben; Insausti, 2017). Mesmo no Brasil, onde o cenário pós-1974 foi de abertura, seguiu havendo temores dado o clima de insegurança que persistia.

Mas também houve reações e resistências. Em vez de produto dos grupos homófilos, a imprensa homossexual que vai emergir nos anos seguintes será marcadamente militante, ao mesmo tempo que se distinguirá da imprensa alternativa partidária, cuja principal bandeira tendeu a ser a luta de classes e a contra-hegemonia no plano político-econômico. Raça, gênero, sexualidade, entre outros temas da vida social, eram inferiorizados, quando não simplesmente negligenciados. Portanto, a imprensa identitária ativista é resultado desse processo de segmentação e decorre, em grande medida, das limitações dos movimentos políticos e intelectuais, que não estavam livres do machismo e outros preconceitos.

No campo das reivindicações LGBTQ+ na América Latina, esse movimento começaria a tomar forma pela Argentina, com a fundação em 1971 da Frente de Liberación Homosexual, herdeira do grupo Nuestro Mundo. Um marco periodístico é a criação da *Revista Somos*, editada a partir de 1973 pelos integrantes da FLH, considerada a primeira organização política e publicação do gênero em âmbito latino-americano. De publicação clandestina e com tiragens de até 500 exemplares, o periódico argentino informava ser enviada para uma série de países: Brasil, Uruguai, Peru, Cuba, Porto Rico, México, Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, França,

Espanha, Itália, Alemanha Ocidental, Suíça, Áustria e Holanda (Somos, 1974, p. 40; ver também Giribuela, 2015; Klocker; Wild, 2018).

A revista chegaria ao fim em 1976, quando a Argentina sofreu um novo golpe militar e teve início um período caracterizado por perseguições, tortura, mortes e desaparecimentos, isto é: práticas de terrorismo de Estado. Por outro lado, no Brasil, iniciou-se uma fase de abertura política, criando condições para o renascimento da imprensa homossexual e até para o aparecimento de espaços voltados à cobertura de pautas de especial interesse da comunidade LGBTQ+ na grande mídia. Nesse sentido, o pioneirismo coube ao jornalista Celso Curi e sua *Coluna do Meio*, publicada na edição paulista do jornal *Ultima Hora*, entre 1976 e 1977, e pela qual foi processado por “ofender a moral e os bons costumes” (Lampião, 1978, p. 6).

Apesar do episódio de perseguição ter custado a demissão do colunista, espaços do tipo não deixaram de eventualmente despontar em outros veículos comerciais. Já no âmbito *underground*, outros títulos merecem menção por terem sido precursores na nova modalidade de periodismo homossexual que se esboçava, agora sob égide notadamente do ativismo. Entre eles, o *Boletim da Aliança de Ativistas Homossexuais*, editado entre 1976 e 1977, por Frederico Jorge Dantas, que pouco tempo depois veio a colaborar também com o *Lampião da Esquina*, veículo mais conhecido da imprensa alternativa gay no país.

A ideia de criar este segundo surgiu da vinda ao Brasil de Winston Leyland, nome por trás do *Gay Sunshine*, de São Francisco. A visita do editor britânico-estadunidense reuniu um elenco de artistas, jornalistas e intelectuais homossexuais brasileiros, que acabaram formando o conselho editorial da nova publicação: Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteadó, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry (Lampião, 1978, p. 2-5). Em editorial intitulado “Saindo do Gueto”, a mesma edição de estreia informava:

Lampião deixa bem claro o que vai orientar a sua luta: nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor — que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos (Lampião, 1978, p. 2).

A publicação inovou ao mesclar jornalismo, contracultura, militância e humor. E, paralelamente a suas atividades editoriais, veio à cena o Grupo Somos, tido como

o primeiro coletivo do país na defesa dos direitos LGBTQ+. A manutenção do jornal nem por isso foi mais fácil. Enquadrada como atentatória à “moralidade pública”, a iniciativa logo entrou na mira das autoridades policiais. Apesar da repercussão alcançada, seguiu enfrentando resistência tanto das bancas de jornal quanto das empresas de distribuição nacional. Aos problemas de ordem financeira se somaram os de ideologia, de produzir uma publicação de teor mais panfletário ou jornalístico, mais politizado ou popularesco,⁵ sendo, enfim, encerrada em 1981.

Em outras partes da América Latina, o período também foi de ascensão de uma imprensa gay militante. Na Colômbia, tem-se o periódico *Él Otro*, lançado em 1977 por León Zuleta, nome de linha de frente do Movimiento de Liberación Homosexual com origens em Medellín; e na sequência veio a revista *Ventana Gay*, saída entre 1980 e 1984 em Bogotá (Bautista, 2018). Por sua vez, no México a Frente Homosexual de Acción Revolucionaria e o Grupo Lambda de Liberación Homosexual foram responsáveis por órgãos informativos como *Nuestro Cuerpo*, *Política Sexual* e *Nuevo Ambiente*, todos de 1979. Já na Venezuela, o primeiro jornal gay despontou com o título de *Entendido*, em 1980 e durou três anos.⁶

Sem demora, começou a emergir também uma imprensa lésbica, conforme as integrantes dessa comunidade conquistaram espaço dentro dos próprios movimentos de liberação sexual, dominados por muito tanto pelos homens gays quanto pelas mulheres feministas heterossexuais. No Brasil, um marco é a publicação *ChanaComChana* (1981-1987) dos coletivos Lésbico-Feminista e Grupo Ação Lésbica-Feminista em São Paulo, cujo sucessor foi a Rede de Informação Lésbica Um Outro Olhar e seu boletim-revista homônimo, publicado até 2002 (Silveira-Barbosa, 2019, p. 147). Seu editorial de estreia afirmava o seguinte:

Queremos que esta nova publicação transpareça nossa visão cada vez mais límpida de que as vivências lésbicas extrapolam em muito as relações sexuais, determinando, por um lado, uma postura de resistência ao papel limitante que nos é imposto pela sociedade machista e, por outro, possibilitando alternativas de vida mais gratificantes, em vários aspectos, para todas as mulheres. Queremos também que nossa publicação espelhe o jeito especial que as lésbicas têm de se olhar, numa mistura de cumplicidade e desejo, onde os papéis de sujeito e objeto são perfeitamente intercambiáveis (Um Outro Olhar, 1987, p. 3).

⁵ Ver os depoimentos de Aguinaldo Silva e João Silvério Trevisan para Péret (2012).

⁶ Um quadro bastante completo da imprensa gay latino-americana, entre as décadas de 1960 e 1980, foi elaborado por Silva Júnior (2023).

Na Argentina, o pioneirismo coube ao periódico *Cuadernos de Existencia Lesbiana* (1987-1996), enquanto no Chile menção não pode faltar a revista mantida, entre 1995 e 2000, pela Coordenadora Lésbica Feminista Ama-zonas. Assim como a publicação argentina, a chilena desabrochou após o fim da ditadura, o que salienta os efeitos do processo de democratização. Nesse sentido, igualmente cabe mencionar o trabalho da escritora e ativista colombiana Tatiana de la Tierra, fundadora do título lésbiano *Esto no tiene nombre* (1991-1994), depois *Conmoción* (1995-1996) (ver Tierra, 2002).

Enfim, iniciativas editoriais que se somaram e contribuíram para a politização da imprensa LGBTQ+, fazendo desta um espaço não só de celebração e difusão cultural, mas também de discussão e ação para fins de visibilidade das mulheres lésbicas na sociedade. Com o tempo e com alguns lapsos, o segmento também se conscientizou mais sobre a necessidade de disseminar informações e combater a discriminação contra pessoas vivendo com HIV/Aids, em contraste com a tendência estigmatizante da grande mídia,⁷ observada desde o início da epidemia na década de 1980.

“Gay power” e revistas eróticas

Com a desmistificação gradativa e a duras penas após o pico da epidemia da Aids, um novo cenário começou a se redesenhar para a população homossexual. Até porque o próprio empresariado não demorou a perceber o potencial econômico da comunidade. Eis o que se convencionou chamar de *pink money*, isto é, o poder de compra associado ao segmento consumidor LGBTQ+, em torno do qual se estruturou um mercado específico. Não só as opções da vida noturna se diversificaram, com bares e outros estabelecimentos LGBTQ-*friendly* sendo inaugurados, mas também marcas de moda, entre tantos outros ramos.

No âmbito da mídia, o caso latino-americano de certa forma seguiu a tendência vista nos Estados Unidos, onde proliferaram primeiro iniciativas de empresários que não eram necessariamente homossexuais, mas viam a comunidade LGBTQ+ como

⁷ No Brasil, alguns estudos pioneiros sobre a cobertura do HIV/Aids na grande mídia podem ser atribuídos a Fausto Neto (1999) e Carvalho (2009).

um público a ser explorado. Também por aqui muitos desses empreendimentos foram criticados pelo pessoal mais politizado dentro dos movimentos libertários, ao mesmo tempo que o assunto foi paulatinamente relativizado, visto seu efeito agregador, com a inclusão dos “simpatizantes”, alargando a comunidade e trazendo no fim de contas maior visibilidade a ela (Simões; França, 2005; Osorio, 2011).

Paradigmática dessa fase de transmutação da imprensa gay na América Latina foi a revista *Macho Tips*, lançada na Cidade do México por Aurelio Refugio Hidalgo de la Torre. Editada entre 1985 e 1989, com tiragem de até 30 mil cópias, a publicação distinguiu-se de outros títulos latino-americanos por unir tendências dos dois modelos até então vigentes — o recreativo e o ativista —, e explorar um terceiro: o erótico. Apostando em ensaios fotográficos sensuais de modelos masculinos, o empreendimento editorial valeu-se dos desejos da classe média gay, mercantilizando assim valores de raça e gênero em prol da obtenção de lucro (Mezo Gonzalez, 2020).

Na Argentina, esse segmento começaria a se desenvolver a partir da *Revista NX*, publicada de 1993 até a crise econômica que atingiu o país em cheio em 2001 (Martinez; Suenzo, 2024). Apesar do período de recessão, nem por isso deixaram de aparecer interessados em investir no setor que emergia. O empreendimento do gênero que prosperou foi a revista *Imperio G*, que vinha acompanhada do suplemento de conteúdo adulto *Ratones*. Assim como na *Macho Tips*, eram modelos masculinos, entre algumas personalidades conhecidas, não necessariamente gays, que participavam das sessões de fotos e estampavam a capa desta que se vendia como uma revista “*gay friendly* destinada para o homem moderno e urbano” (Imperio G, 2021).

Já no Brasil, a publicação mais bem-sucedida foi a *G Magazine*, cuja estreia se deu em 1997, sendo impressa até 2013. O título foi concebido pela empresária Ana Fadigas, originalmente com a proposta de casar material de nudez masculina com reportagens e colunas de interesse do público gay. Com algumas edições com tiragens acima de 100 mil exemplares, a revista bancou cachês consideráveis e atraiu uma porção de atores, atletas e celebridades, que posaram sem roupa e exibindo ereções. Entre os colunistas, nomes como a comediante e atriz transexual Nany People, o jornalista e depois político Jean Wyllys, e o escritor João Silvério Trevisan, um dos fundadores do paradigmático *Lampião da Esquina*.

Após uma década de atividades, a revista foi vendida ao grupo estadunidense

Ultra Friends International. A produção de conteúdo jornalístico diminuiu e o espaço de conteúdo pago se sobrepôs, desconfigurando em certa medida o projeto editorial original de balancear informação, erotismo e marketing. Em 2010, a publicação anunciou que passaria a ser distribuída também na Argentina, com o acréscimo de um suplemento em espanhol. Contudo, a tentativa de expansão dos negócios não prosperou e, em meio a crises financeiras, a última edição impressa saiu em junho de 2013.

Antes de se voltar para o nu masculino, o mercado editorial gay comportou outras publicações. Entre as mais populares, cabe destacar a revista *Sui Generis* (1995-2000), sediada no Rio de Janeiro e cujo enfoque era aquilo que se pode chamar de “estilo de vida gay”. Dentro desse universo, com seus estereótipos e padrões, trazia informações sobre beleza, comportamento, etiqueta, fofocas, moda, novidades internacionais, além de cartas dos leitores (Lima, 2018). E contou com colaboradores de renome, como Luiz Mott, professor universitário de antropologia e fundador do Grupo Gay da Bahia, que é uma das mais importantes associações nacionais na defesa dos direitos e na denúncia da violência contra homossexuais.

Mas a maioria das revistas que se tornaram conhecidas enfatizava mesmo a questão sexual ou a forma física, pelo menos no Brasil. Nos entornos dos anos 2010, despontaram títulos como *DOM*, *Aimé* e *Júnior*, este último sendo o de maior duração, levado às bancas pelo grupo Mix Brasil, em atividade no país desde a década de 1990. Apesar de levantarem a bandeira da diversidade, a tendência entre os diferentes títulos não foi senão priorizar corpos masculinos brancos e musculosos, de modo a construir uma representação bastante limitada e idealizada de corpo e beleza, para não falar problemática com relação ao que é ser saudável.

Em menor volume, entre as décadas de 2000 e 2010 surgiram e se multiplicaram pela América Latina revistas de perfil similar, reunindo ensaios fotográficos sensuais, dicas de turismo gay, artigos de comportamento e assuntos afins. Além da Argentina, do Brasil e do México, esse foi o caso de outros tantos, como Bolívia, Chile, Costa Rica, Equador, Porto Rico e até do Uruguai, onde saiu, em 2008, a *Hache Magazine*, que se anunciava na época como “a primeira revista dedicada à comunidade gay” daquele país (Montevideo Portal, 2008).

A maioria das publicações aqui mencionadas faliu, sendo raros os casos de migração bem-sucedida para o formato digital. Fragilizadas pela crise que se instalou

no setor impresso após a popularização da internet, foram também atingidas indiretamente pelos websites de pornografia, ou diretamente no caso dos títulos de nudez masculina. Mas mesmo os de vida e estilo, todos, em comum, tiveram que lidar com a dificuldade de patrocínio e obtenção de anúncios, já que por muito tempo seguiu havendo resistência das marcas em se vincularem a projetos exclusivamente LGBTQ+. Mudanças nessa situação são ainda muito incipientes.

Diversidade e a “nova” mídia LGBTQ+

Apesar de o número de casos de violência psicológica e física, que se configuram como LGBTfobia, seguir preocupante, não se pode deixar de reconhecer os avanços em termos de leis que regem os direitos da comunidade na América Latina. O casamento entre pessoas do mesmo sexo foi legalizado na Argentina em 2010, no Brasil e no Uruguai em 2013, na Colômbia em 2016, no Equador em 2019, na Costa Rica em 2020 e no Chile, em Cuba e no México em 2022.⁸ A maioria dessas nações também já reconhece a adoção de filhos por LGBTs.

O reconhecimento legal se reflete em uma variedade de ações e eventos afirmativos nos grandes centros urbanos desses países. Realizada desde 1997, a parada do orgulho gay de São Paulo passou a reunir milhões de pessoas e movimentar outros milhões de reais. Em Buenos Aires, a milonga com troca de papéis de gênero é a proposta do “tango queer” (Liska, 2016). Em Havana, a chamada “conga contra a homofobia e a transfobia” pelas ruas da capital é promovida pelo Centro Nacional de Educación Sexual, organismo financiado pelo governo cubano (Tenorio, 2023).

Porém, mesmo nos países com legislações mais progressistas nesse sentido, os desafios não são poucos. O crescimento expressivo do pentecostalismo e de outros movimentos cristãos na região complexificou o quadro não apenas no âmbito religioso, mas também no político, diante da renovação conservadora que tem ocorrido nas esferas executiva e legislativa, com a ascensão de políticos identificados com grupos tradicionalmente contrários às pautas pró-LGBTQ+. Uma das diferenças entre as “guerras culturais” de hoje e as do passado — tais conflitos de natureza social

⁸ Ver os antecedentes em Díez (2015).

e política desencadeados por diferentes visões de mundo — reside justamente no uso das plataformas de redes sociais.

A “nova” mídia LGBTQ+ se inscreve e se diversifica a partir dessa dinâmica de luta, conquistas e resistência, cada vez mais mediada pela internet. Quando olhamos para seus primórdios, identificamos projetos voltados tanto ao ativismo e à conscientização quanto a fins culturais e comerciais. No Brasil, esse é o caso da Associação Cultural Mix Brasil, que, influenciada pela *MIX NYC*, organiza festivais de diversidade para o público brasileiro desde 1993. No ano seguinte, para reunir e ampliar virtualmente essa audiência, o grupo fundado por André Fischer já contava com um fórum de discussões, que evoluiu com o tempo para um portal de infoentretenimento, embora tenha sido descontinuado.

Entre os novos portais brasileiros, uma referência veio a ser o *Gay Blog BR*, criado em 2011 a partir da cultura meme. Tem como proprietário e editor-chefe Vinícius Yamada e, entre seus colunistas, está Orkut Büyükkökten, criador do finado Orkut. Mas há inúmeros outros canais de “informação e humor fora do armário” em língua portuguesa, como o *Põe Na Roda*, do roteirista e influencer Pedro HMC, com mais de 1 milhão de inscritos no YouTube. Em espanhol, o portal que se intitula como o mais acessado é o *Homosensual*. Parte da popularidade igualmente se deve à sua presença em redes sociais como TikTok, Instagram e Facebook, onde também possui mais de 1 milhão de seguidores, e está em atividade desde 2012.

Em contraste, outros projetos como o argentino *SentidoG* são menos focados no entretenimento e mais na questão social, apresentando números menores, mas compensando em reconhecimento público. Com inspiração na revista estadunidense *The Advocate*, a iniciativa do jornalista Gabriel Oviedo e atualmente dirigida por Esteban Rico foi declarada um “site de interesse social” pela Assembleia Legislativa da Cidade de Buenos Aires em 2012, quando completava 10 anos de existência. Esse feito também foi conquistado em 2019 pela agência de jornalismo de gênero *Presentes*, fundada por Ana Fornaro e María Eugenia Ludueña, e sediada duplamente nas capitais da Argentina e do México.

No Brasil, a agência de jornalismo independente voltada à promoção dos direitos da população LGBTQ+ da vez é a *Diadorim*, nascida em 2021, e cuja equipe também se divide entre duas localidades, mas neste caso entre São Paulo e Pernambuco. Embora a prioridade seja a matéria jornalística, assim como a

Presentes, tem buscado se expandir a partir da diversificação dos serviços. No caso da agência argentina, trabalha-se com a oferta de *workshops* e treinamentos no tocante à diversidade e gênero, enquanto a brasileira apostou em um *lab* “com foco na produção de conteúdo, pesquisas e ações de comunicação para empresas, ONGs e agentes públicos alinhados aos nossos valores” (Diadorim, 2024).

Iniciativas do tipo têm desabrochado em várias partes do continente, inclusive na América Central. Em Honduras, registra-se a organização jornalística sem fins lucrativos *Reportar Sin Miedo*, já em El Salvador menção não pode faltar para a *Alharaca*, também com a proposta de um jornalismo de gênero, especialmente feminista. Embora mais ativistas do que propriamente jornalísticas, ONGs como a *Caribe Afirmativo*, criada em 2009, na Colômbia, também contribuem para esse universo de informação e promoção dos direitos humanos de pessoas LGBTQ+.

Sediada na Guatemala, a ONG Visibles tentou, por sua vez, sem sucesso, manter a revista digital *Impronta* em 2021. Sob a direção editorial do jornalista guatemalteco Daniel Villatoro e com colaboradores em outras partes da América Central, a iniciativa foi celebrada na ocasião por sua intenção de compartilhar com um público mais amplo “como é ser LGBT em países como Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua e Panamá” (Estarque, 2021).

Em contrapartida, entre as redes que tem se mantido descentralizadas, pode-se citar a organização *GayLatino*. Criada em 2015, hoje reúne ativistas presentes não apenas nos países já citados, mas também no Paraguai e no Peru, entre outros. Também de caráter transnacional, outras como a rede *Sin Violencia* se especializaram na questão da segurança pública. Sua apuração aponta para 3.064 pessoas LGBTQ+ assassinadas de janeiro de 2014 a dezembro de 2023 na América Latina e no Caribe. Enfim, são exemplos notáveis do ecossistema comunicacional e informacional que se desenvolve no continente, para além do Canadá e Estados Unidos.

Conclusões

Como visto, há uma relação histórica entre ativismo, erotismo, entretenimento e jornalismo, que permeia o processo constitutivo da mídia LGBTQ+, o que não é exclusivo de sua trajetória na América Latina. Embora este artigo tenha focado nesse espaço geográfico, ainda que longe de esgotar o assunto, e com todas as limitações

que uma pesquisa transnacional coloca quanto ao acesso a fontes documentais, ainda assim acaba por contribuir para o esboço de uma história da mídia e do jornalismo LGBTQ+ em perspectiva globalizada.

Apesar de os Estados Unidos terem desempenhado um papel de destaque nessa história — sobretudo desde a segunda metade do século 20, quando começa a se formar uma pequena imprensa homossexual na América Latina —, é interessante observar que essa influência comportou complexidades devido ao contexto histórico e à situação política. Por exemplo, houve periódicos que, embora nascidos sob inspiração dos padrões editoriais vistos no estrangeiro, inicialmente rejeitaram o termo “gay” por sua aversão à americanização e entendimento de que os movimentos deveriam ser forjados desde um ponto de vista nacional (Green, 2000, p. 432).

Nesse sentido, também chama a atenção que apesar das diferenças entre as ditaduras militares implantadas na América do Sul e suas consequências para cada sociedade, a imprensa homossexual que se politizava à época compartilhou tendências tanto de forma quanto de conteúdo. A crítica aos bons costumes a partir do humor é geralmente apontada como um traço comum às publicações de caráter militante nascidas nos tempos da Guerra Fria, quando o anticomunismo se misturava ao moralismo em políticas de segurança nacional (Nascimento, 2022; Cowan, 2016). Uma característica vista após o retorno da democracia em experiências como a do satírico *OpusGay*, periódico chileno de 2002 pelo Movimiento de Integración y Liberación Homosexual.

No presente artigo, para além desse ou daquele caso, buscou-se traçar as principais linhas de desenvolvimento de tal imprensa como um todo, sob o argumento que, antes da ascensão da mídia digital, essa percorreu uma trajetória, ainda que não linear e com suas contradições, que pode ser assim sintetizada: indo de publicações recreativas, ligadas a clubes e grupos homófilos, a jornais politizados que emergiram do movimento de contracultura, dentro de regimes conservadores; e vinda a democracia acompanhada da expansão da sociedade de mercado, assistiu-se a uma onda de revistas eróticas.

Tal imprensa homossexual, no transcurso de meio século, deixou de ser artesanal e tornou-se industrial, para em seguida decair como mídia impressa e ascender digitalmente. Quer em sua fase pré ou pós-industrial, prevaleceu o modo de produção colaborativa, frequentemente com a participação voluntária de ativistas, o

que de certa forma restringe a profissionalização do setor. Em termos de conteúdo, a criação literária cedeu a vez à cultura do “meme”. O colunismo social evoluiu para o jornalismo de celebridade, de modo que talvez seja o caso de falar em legado ou contribuição daqueles boletins de clubes sociais daquela primeira imprensa gay para o desenvolvimento do jornalismo de celebridade e infoentretenimento em geral na atualidade.

Parte dos acadêmicos têm compreendido isso tudo como um processo de despolitização da comunidade, beneficiando inclusive as ondas neoconservadoras vistas no período mais recente (Saraiva; Quental, 2024). Contudo, para nós o mais importante aqui não é confirmar ou contestar esse processo em si, mas atentar para seus efeitos no jornalismo. Fato é que, seja nos jornais ativistas ou nas revistas homoeróticas, o jornalismo em si, via de regra, nunca foi o maior beneficiado, visto que no primeiro caso a prioridade é a matéria militante e no segundo o entretenimento adulto.

Essas relações conflituosas com o jornalismo podem ser percebidas naqueles que são dois dos veículos mais emblemáticos da história da imprensa gay no Brasil. O *Lampião da Esquina* (1978-1981) foi encerrado em parte pelo dilema que se criou entre fazer um panfleto militante ou um jornal de interesse público mais amplo, que misturava reportagem e humor, sob pena, todavia, de cair no sensacionalismo, já que quanto menos político maior tendia ser o interesse dos leitores. Por sua vez, a *G Magazine* (1997-2013) enxugou o espaço de informação à medida que os problemas financeiros se agravaram (Péret, 2012, p. 45-90), daí a escolha pelo entretenimento erótico como última tentativa de solução mercadológica.

Dentro do ecossistema midiático que se reconfigura com a internet, percebe-se o aparecimento de iniciativas que buscam priorizar o jornalismo, a partir da perspectiva da diversidade sexual, de modo que podemos arriscar a falar em termos de um jornalismo de gênero ou identitário. E isso é importante na medida em que a cultura gay dominante nunca esteve e não está livre de engendrar estereótipos e hierarquias sociais por meio da mídia. Contudo, os desafios que se colocam para esses projetos independentes e nativos digitais não são, em última instância, muitos distintos dos fanzines e publicações comerciais do passado: como dar sustentabilidade do ponto de vista financeiro de forma a assegurar e viabilizar uma produção noticiosa de qualidade?

Observa-se que muitos desses empreendimentos, para tanto, têm recorrido a linhas de financiamentos para jornalismo mantidas pelo Google e outras plataformas de tecnologia, mas também de agências de fomento de outras naturezas. Uma alternativa paralela encontrada por essas mesmas iniciativas de jornalismo independente tem sido a aposta na diversificação dos serviços, indo da oferta de cursos educativos à produção de conteúdo para entidades públicas e privadas comprometidas com a causa da diversidade. Portanto, a tendência é que tentem evoluir para organizações de comunicação mais amplas, tal como já ocorre tanto no setor da mídia alternativa quanto do *mainstream* na contemporaneidade.

Referências

BAIM, Tracy (org.). **Gay Press, Gay Power: The Growth of LGBT Community Newspapers in America**. Scotts Valley: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2012.

BARBOSA, Suzana; DAROS, Otávio. Três décadas de jornalismo digital no Brasil: uma trajetória de diversidade de produtos e pesquisas. **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 15, p. e36986, 2026. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2026v15e36986>.

BEACHY, Robert. The German Invention of Homosexuality. **The Journal of Modern History**, Chicago, v. 82, n. 4, p. 801-838, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1086/656077>.

BEN, Pablo; INSAUSTI, Santiago Joaquin. Dictatorial Rule and Sexual Politics in Argentina: The Case of the Frente de Liberación Homosexual, 1967-1976. **Hispanic American Historical Review**, Durham, v. 97, n. 2, p. 297-325, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1215/00182168-3824077>.

CARVALHO, Carlos Alberto de. **Visibilidades mediadas nas narrativas jornalísticas: a cobertura da Aids pela Folha de S. Paulo de 1983 a 1987**. São Paulo: Annablume, 2009.

CORDÃO, Vinicius Ferreira Ribeiro Cordão. **Imprensa Homossexual Brasileira e Construções de Subjetividades (1960-1980)**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

COSTA, Rogerio da Silva Martins da. Sociabilidade homoerótica e relações identitárias: o caso do jornal O Snob (Rio De Janeiro, década de 1960). **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 61-92, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5965/2175180302022010061>.

COWAN, Benjamin A. **Securing Sex: Morality and Repression in the Making of Cold War Brazil**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2016.



DAROS, Otávio. **História do jornalismo brasileiro**: do impresso ao digital. Petrópolis: Vozes, 2026a.

DAROS, Otávio. LGBTQ+ Media in Latin America: From Dictatorships to Market Democracy. **Journalism History**, Columbia, v. 52, n. 1, p. 29-46, 2026b. DOI: 10.1080/00947679.2025.2509705.

DIADORIM. “Quem Somos”. **Agência Diadorim**, 15 out. 2024. Disponível em: <https://adiadorim.org/quem-somos/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

DÍEZ, Jordi. **The Politics of Gay Marriage in Latin America Argentina, Chile, and Mexico**. Nova York: Cambridge University Press, 2015.

ENCARNACIÓN, Omar G. **Out in the Periphery**: Latin America’s Gay Rights Revolution. Nova York: Oxford University Press, 2016.

EROS. Rio de Janeiro, n. 5, 1970.

ESTARQUE, Marina. Revista digital quer mostrar como é ser LGBT na América Central. **LatAm Journalism Review**, 17 mar. 2021. Disponível em: <https://latamjournalismreview.org/pt-br/articles/revista-digital-quer-mostrar-como-e-ser-lgbt-na-america-central/>. Acesso em: 14 set. 2026.

FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação e mídia impressa**: estudo sobre a AIDS. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

GIRIBUELA, Walter. La fundación de la prensa gay: el caso de la publicación Somos. **Revista del Departamento de Ciencias Sociales**, Luján, v. 2, n. 5, p. 101-111, 2015.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GUERRERO BAUTISTA, Nelly Andrea. Saltemos por la ventana” surgimiento de la revista “Ventana Gay” desde el punto de vista de Manuel Antonio Velandia Mora, uno de sus fundadores. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 3263-3275, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2018v15n3p3263>.

HOWES, Robert. Raising the Flag: The Early Years of the Lesbian, Gay, Bisexual, and Trans Press in Brazil, 1963–1981. **Studies in Latin American Popular Culture**, Austin, n. 33, 179-198, 2015. DOI: <https://doi.org/10.7560/SLAPC3312>.

IBER, Patrick. **Neither Peace Nor Freedom**: The Cultural Cold War in Latin America. Cambridge: Harvard University Press, 2015.

IMPERIO G. 5 out. 2021. Disponível em: https://issuu.com/imperiog.com/docs/imperio_108. Acesso em: 30 jun. 2025.

JABLONSKI, Olivier. The Birth of a French Homosexual Press in the 1950s. *In*: MERRICK, Jeffrey; SIBALIS, Michael (org.). **Homosexuality in French History and Culture**. Nova York: Harrington Park Press, 2001. p. 233-248.

JACKSON, Julian. Arcadie: sens et enjeux de 'l'homophilie' en France, 1954-1982. **Revue d'histoire moderne et contemporaine**, Paris, v. 53, n. 4, p. 150-174, 2006.

KENNEDY, Hubert. **The Ideal Gay Man**: The Story of Der Kreis. Nova York: Haworth Press, 1999.

KLOCKER, Gastón; WILD, Carolina Beatriz. Revista somos y la militancia homosexual en los '70. **La Ventana: Revista de Estudios de Género**, Guadalajara, v. 5, n. 47, p. 353-367, 2018.

LAMPIÃO. Rio de Janeiro, n. 0, abr. 1978.

LIMA, Marcus Antônio Assis. **O estilo Sui Generis de vida gay**. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2018.

LISKA, Mercedes. **Argentine Queer Tango**: Dance and Sexuality Politics in Buenos Aires. Lanham: Lexington Books, 2016.

MARTINEZ, Leandro; SUENZO, Facundo. Cultura Gay de los 90: análisis de las tapas de la Revista NX (1993-2001). **Primer Congreso Nacional de Estudios Interdisciplinarios sobre Diversidad Sexual y de Género**, San Martín, Argentina, 2024. Disponível em: <https://www.aacademica.org/congresodiversidad/37>. Acesso em: 30 jun. 2025.

MCSHERRY, Patrice. **Predatory States**: Operation Condor and Covert War in Latin America. Lanham: Rowman & Littlefield, 2005.

MEZO GONZALEZ, Juan Carlos. Consuming the Mexican Body: Gender, Race, and the Nation in Macho Tips, 1985–1989. **Hispanic American Historical Review**, Durham, v. 100, n. 4, p. 655-687, 2020.

MONTEVIDEO PORTAL. Primeira revista gay uruguaia. **Montevideo Portal**, 22 out. 2008. Disponível em: <https://www.montevideo.com.uy/Tiempo-libre/Primera-revista-gay-uruguaia-uc7085>. Acesso em 30 jun. 2025.

NASCIMENTO, Rhanielly Pereira do. Construindo uma política sexual: homossexualidades masculinas na Argentina (1973-1976) e no Brasil (1978-1981). **Revista Uruguaya de Ciencia Política**, Montevideu, v. 31, n. 1, p. 79-102, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26851/rucp.31.1.4>.

PEARCE, Christopher L. Primary Colors: A Play by Mishima Yukio: Introduction. **Asian Theatre Journal**, Honolulu, v. 23, n. 2, p. 223-232, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1353/atj.2006.0028>.

PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**: entre a militância e o consumo. São Paulo:

Publifolha, 2012.

OOSTERHUIS, Harry; KENNEDY, Hubert (org.). **Homosexuality and Male Bonding in Pre-Nazi Germany**: the youth movement, the gay movement, and male bonding before Hitler's rise. Nova York: Haworth Press, 1991.

O SNOB. Rio de Janeiro, n. 1, 10 jul. 1963.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; QUENTAL, Camilla. Cracks in diversity: pink money, depoliticization, and conservatism in Brazil. *In*: FORSON, Cynthia; HEALY, Geraldine; ÖZTÜRK, Mustafa B.; TATLI, Ahu (org.). **Research Handbook on Inequalities and Work**. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2024. p. 272-285.

SILVA JÚNIOR, Carlos Humberto Ferreira. **Imprensa gay latino-americana**: os estereótipos e a construção de outras masculinidades entre 1960 e 1980. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2023.

SILVEIRA-BARBOSA, Paula. Trajetória da imprensa lésbica brasileira, uma história possível. **Revista Aedos**, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 142-163, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/93003>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. Do gueto ao mercado. *In*: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2005. p. 309-336.

SOLIVA, Thiago Barcelos. Sobre afetos e resistências: uma análise da trajetória da Turma OK (Rio de Janeiro, Brasil). **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 31, p. 57-80, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.31.04.a>.

SOMOS. Buenos Aires, maio 1974.

TENORIO, David. Havana's Last Conga: Trans Engagements and Queer Moves in Twenty-First-Century Cuba. **Cuban Studies**, Pittsburgh, n. 52, p. 189-211, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1353/cub.2023.a899800>. Acesso em: 30 jun. 2025.

TIERRA, Tatiana de la. Activist Latina Lesbian Publishing: esto no tiene nombre and conmoción. **Aztlán: A Journal of Chicano Studies**, Los Angeles, v. 27, n. 1, p. 139-179, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1525/azt.2002.27.1.139>.

UM OUTRO OLHAR. São Paulo, ano 1, no. 1, set./dez. 1987.

ZARUR OSORIO, Antonio Elías. El fenómeno gay contemporáneo, de lo moralmente inaceptable, a segmento del mercado. **Revista Gestión y Estrategia**, Cidade do México, n. 40, p. 51-64, 2011. DOI: <https://doi.org/10.24275/uam/azc/dcsh/gye/2011n40/Zarur>.

PERIODISMO Y MEDIOS DE COMUNICACION LGBTQ+ EN AMERICA LATINA:

de las dictaduras militares a la democracia de mercado

Resumen

Conscientes de que aún queda por escribir una historia global de los medios LGBTQ+, este artículo busca arrojar luz sobre una de sus geografías: América Latina. Al destacar y comparar la experiencia brasileña con la de otros países, queda claro que la primera peculiaridad regional de este segmento compuesto por publicaciones periódicas gay y lésbicas — la llamada prensa homosexual — radica en que sus orígenes se remontan a un contexto de auge de regímenes militares, seguido posteriormente por procesos de redemocratización. En diálogo con la trayectoria observada en Estados Unidos y Europa, este artículo sostiene que los medios vinculados a la comunidad LGBTQ+ latinoamericana pueden entenderse desde al menos tres ejes: recreación, activismo y erotismo, además de una cuarta etapa, marcada por la convergencia de estas tendencias en el entorno digital. Finalmente, se analizan las limitaciones y el potencial de este ecosistema mediático para el desarrollo de lo que algunos han denominado periodismo de género o de identidad.

Palabras clave

Prensa homosexual; Historia de los medios; Comunidad LGBTQ+; Periodismo de género.

Agradecimentos: A James N. Green pela leitura crítica, bem como aos pareceristas da REBEH.

Agência financiadora: Esta pesquisa recebeu apoio do programa de diversidade da Divisão de História da Association for Education in Journalism and Mass Communication.

Contribuições das pessoas autoras: Autoria individual.

Aprovação por Comitê de Ética e consentimento para participação: Não se aplica.

Conflito de interesses: Sem conflito de interesse.

Declaração de utilização de Inteligência Artificial: Inexistência de utilização de ferramenta de IA.

Pessoa autora correspondente: Otávio Daros, Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen, otavio.daros@ufsm.br, Linha 7 de Setembro, s/n, BR 386, Km 40, Frederico Westphalen - RS, CEP 98400-000.

Recebido em: 02/02/2026

Aceito em: 15/09/2026